



Série  
Memórias do Espiritismo

Fotos e ilustrações da página anterior (de cima para baixo, a partir da esquerda):

Gabriel Delanne, Bezerra de Menezes, Allan Kardec, Leon Denis; William Crookes, Alfred Russel Wallace, Alexander Aksakof, Oliver Lodge;

Yvonne do Amaral Pereira, Alfred Binet, Ernesto Bozzano, Arthur Conan Doyle;

Hercílio Maes, Caibar Schutel, Gustavo Geley, Eurípedes Barzanulfo;

Victor Hugo, Charles Robert Richet, Cesare Lombroso, Pierre Gaetan Leymarie;

Andrew Jackson Davies, Camille Flammarion, Francisco Cândido Xavier, Emanuel Swedenborg.

Reconhecemos a ausência de inúmeros expoentes do espiritismo nesta galeria de imagens. Em razão do limitado espaço, escolhemos apenas algumas personalidades ilustres para representar todos aqueles que gostaríamos de homenagear.

# O Gênio Celta e o Mundo Invisível

© 2015 – Conhecimento Editorial Ltda.

## O Mundo Invisível e a Guerra

*Le Génie Celtique et le Monde Invisible*

Léon Denis (1846-1927)

Todos os direitos desta edição reservados à  
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Rua Prof. Paulo Chaves, 276 - Vila Teixeira Marques  
CEP 13480-970 – Limeira – SP  
Fone/Fax: 19 3451-5440  
www.edconhecimento.com.br  
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Tradução: Mariléa de Castro  
Projeto gráfico: Sérgio Carvalho  
Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-337-2  
1ª Edição – 2015

• Impresso no Brasil • Presita en Brazilo

Produzido no departamento gráfico da  
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA  
Fone: 19 3451-5440  
e-mail: conhecimento@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Denis, Léon, 1846-1927

O Gênio Celta e o Mundo Invisível / Léon Denis ;  
[tradução Mariléa de Castro] — 1ª ed. — Limeira, SP :  
Editora do Conhecimento, 2015. — [Série Memórias do  
Espiritismo ; v. ]

Título original: *Le Génie Celtique et le Monde Invisible*  
ISBN 978-85-7618-337-2

1. Espiritismo I. Título

Léon Denis

# O Gênio Celta e o Mundo Invisível

Traduzido por Mariléa de Castro

1ª edição  
2015



## SÉRIE MEMÓRIAS DO ESPIRITISMO

|           |                                                    |                               |
|-----------|----------------------------------------------------|-------------------------------|
| Volume 1  | Evolução Anímica                                   | Gabriel Delanne               |
| Volume 2  | A Alma Imortal                                     | Gabriel Delanne               |
| Volume 3  | O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda | Antonio Eliezer Leal de Souza |
| Volume 4  | O Espiritismo Perante a Ciência                    | Gabriel Delanne               |
| Volume 5  | Pesquisas sobre a Mediunidade                      | Gabriel Delanne               |
| Volume 6  | As Forças Naturais Desconhecidas                   | Camille Flammarion            |
| Volume 7  | A Crise da Morte                                   | Ernesto Bozzano               |
| Volume 8  | No Mundo dos Espíritos                             | Antonio Eliezer Leal de Souza |
| Volume 9  | Urânia                                             | Camille Flammarion            |
| Volume 10 | Tratado de Metapsíquica                            | Charles Richet                |
| Volume 11 | O Problema do Ser e do Destino                     | Leon Denis                    |
| Volume 12 | O Mundo Invisível e a Guerra                       | Leon Denis                    |
| Volume 13 | O Gênio Celta e o Mundo Invisível                  | Leon Denis                    |
| Volume 14 | Viagem Espírita em 1862                            | Allan Kardec                  |
| Volume 15 | Que é o Espiritismo                                | Allan Kardec                  |

“O passado jamais morre completamente para o homem. Ele pode esquecê-lo, mas o conserva sempre dentro de si. Tal como é, em todas as épocas, o homem é o produto e o resumo de todas as épocas anteriores.”

Fustel de Coulanges

*La Cité Antique*



## Sumário

|                                                                                                                             |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Introdução.....                                                                                                             | 11  |
| Primeira parte: O território celta                                                                                          |     |
| 1. • Origem dos Celtas. • Guerras gaulesas • Decadência e queda • A longa noite; o despertar • O movimento pancéltico. .... | 17  |
| 2. • A Irlanda.....                                                                                                         | 31  |
| 3. • O País de Gales • A Escócia • A obra dos bardos.....                                                                   | 37  |
| 4. • A Bretanha Francesa • Recordações dos druidas.....                                                                     | 45  |
| 5. • Auvergne, Vercingetorix, Gergóvia e Alesia .....                                                                       | 53  |
| 6. • A Lorena e os vosges. • Joana D’Arc, alma celta .....                                                                  | 64  |
| Segunda parte: O druidismo                                                                                                  |     |
| 1. • Síntese dos druidas • As <i>Triades</i> : objeções e comentários .....                                                 | 77  |
| 2. • Palingênese: Preexistências e vidas sucessivas • A lei da reencarnação .....                                           | 89  |
| 3. • A religião dos celtas, o culto, os sacrifícios, a ideia da morte .....                                                 | 120 |
| 4. • Considerações políticas e sociais • Papel da mulher • A influência celta • As artes • Liberdade e livre-arbítrio.....  | 132 |
| Terceira parte: O mundo invisível                                                                                           |     |
| 1. • A experimentação espírita.....                                                                                         | 141 |
| 2. • Resumo e conclusão .....                                                                                               | 151 |
| 3. • Mensagens dos invisíveis.....                                                                                          | 155 |
| Mensagem 1 • A fonte única das três grandes revelações:<br>budista, cristã e celta.....                                     | 158 |
| Mensagem 2 • Evolução do pensamento através dos séculos.                                                                    | 161 |

|                                                                                    |     |
|------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Mensagem 3 • Mesmo tema.....                                                       | 164 |
| Mensagem 4 • Celtas e atlantes.....                                                | 166 |
| Mensagem 5 • Da origem do corrente celta .....                                     | 167 |
| Mensagem 6 • A corrente celta e o caráter francês.....                             | 170 |
| Mensagem 7 • Analogia do ideal japonês com o celtismo .....                        | 172 |
| Mensagem 8 • Processos espirituais dos druidas .....                               | 174 |
| Mensagem 9 • A diversidade das raças humanas.....                                  | 177 |
| Mensagem 10 • O raio celta (cont.) .....                                           | 180 |
| Mensagem 11 • Método de comunicação entre os espíritos<br>e os homens.....         | 182 |
| Mensagem 12 • Origem e evolução da vida universal .....                            | 185 |
| Mensagem 13 • As forças radiante do Espaço • O campo<br>magnético vibratório ..... | 189 |
| Mensagem 14 • O celtismo e a Natureza • A evolução do<br>pensamento.....           | 193 |
| Mensagem 15 • Joana D’Arc, espírito celta anunciado<br>por Jules Michelet.....     | 196 |
| Mensagem 16 • O celtismo na consciência francesa .....                             | 199 |

## Introdução

Em meio à crise que atravessamos, o pensamento, inquieto, se interroga; busca as causas profundas do mal que atinge todos os setores de nossa vida social, política, econômica, moral. As correntes de idéias, de sentimentos e de interesses se chocam violentamente, e disso resulta um estado de perturbação, de confusão, de desordem, que paralisa todas as iniciativas e se traduz na impotência de encontrar um remédio. Parece que a França perdeu a consciência de si mesma, de sua origem, de seu gênio, de seu papel no mundo.

Enquanto outros povos, essencialmente realistas, perseguem um objetivo mais preciso e determinado, porque mais material, a França sempre hesitou, no decurso de sua história, entre duas concepções opostas. Isso explica o caráter intermitente de sua atuação.

Às vezes ela se diz celta e apela a esse espírito de liberdade, de retidão e de justiça que caracteriza a alma da Gália. É à influência desta, ao despertar de seu espírito, que se deve atribuir a criação das comunas na Idade Média, e os feitos da Revolução. Às vezes ela se diz latina, e com isso ressurgem todas as formas de opressão monarquista ou teocrática, a centralização burocrática e administrativa, imitada dos romanos, junto com as habilidades e subterfúgios de sua política e os vícios e a corrupção dos povos envelhecidos.

Acrescentai a isso a indiferença das massas, seu desconhecimento das tradições, a perda de todos os ideais. Às alternân-

cias dessas duas correntes é que se deve atribuir as flutuações do pensamento francês, as saliências, as bruscas reviravoltas de sua atuação através da história.

Para recuperar a unidade moral, a consciência de si própria, o sentido profundo de seu papel e seu destino, isto é, tudo aquilo que torna fortes as nações, bastaria que a França abandonasse as teorias errôneas, os sofismas que lhe falsearam o julgamento e obscureceram-lhe o caminho, e reassumirem sua própria natureza, suas origens étnicas, seu gênio primitivo, em resumo, a tradição celta, enriquecida pelo trabalho e o progresso dos séculos.

A França é celta, não há dúvida possível sobre esse ponto. Nossos historiadores mais eminentes o atestam, e com eles numerosos escritores e pensadores, entre eles os dois Thierry, Henri Martin, J. Michelet, Édouard Quinet, Jean Reynaud, Renan, Émile Faguet e muitos outros. Se somos latinos pela educação e a cultura, dizem eles, somos celtas pelo sangue e pela raça.

D'Arbois de Jubainville nos repetiu com frequência, em suas aulas no College de France, como em suas obras: "Há noventa por cento de sangue gaulês nas veias dos franceses". De fato, se consultarmos a História, veremos que após a queda do Império, os romanos atravessaram em massa os Alpes e restaram muito poucos na Gália. As invasões germânicas passaram como furacões por nosso país; somente os francos, os visigodos e os burgúndios se fixaram o tempo suficiente para se fundirem com as populações autóctones. Mas os francos não eram mais de 38.000 quando a Gália contava com quase cinquenta milhões de habitantes.

Pode-se indagar como um território tão vasto pôde ser conquistado com recursos tão limitados. Isso é explicado por Édouard Haraucourt, da Academia Francesa, em um artigo substancial publicado na revista *Lumière*, de 15 de janeiro de 1926, e do qual falaremos mais adiante.

Todos os que conservaram no coração a lembrança de nossas origens apreciam reviver as glórias e reveses desse povo inquieto e aventureiro que é o nosso, recordar os infortúnios e provas que lhe grangearam tantas simpatias. Eu não pensaria em acrescentar algo a todos os textos célebres escritos sobre

esse tema, se não tivesse um elemento novo a oferecer ao leitor para elucidar a questão de nossas origens, que vem a ser a colaboração do mundo invisível. Na realidade, foi por instigação do espírito de Allan Kardec que realizei este trabalho. Aqui se contém a série de mensagens que ele nos ditou por meio da incorporação, em condições que eliminam qualquer possibilidade de fraude. Ao longo desses diálogos, Espíritos já libertos da matéria nos trouxeram conselhos e ensinamentos.

Como veremos nessas mensagens, Allan Kardec viveu na Gália antes da conquista romana, e foi druida.

O dólmen que, a seu pedido, se acha sobre seu túmulo no Père-Lachaise, tem, portanto, um sentido. A doutrina espírita que o grande iniciador condensou e resumiu em suas obras, através das comunicações dos Espíritos obtidas em vários pontos do planeta, coincide em suas linhas principais com o druidismo, e constitui um retorno a nossas verdadeiras tradições étnicas, ampliadas pelos avanços do pensamento e da ciência e conformadas pelas vozes do Espaço. Essa revelação marca uma das etapas mais elevadas da evolução humana, uma era fecunda de penetração do invisível no visível, a colaboração dos dois mundos em uma obra grandiosa de educação moral e de reforma social.

Desse ponto de vista, suas consequências são incalculáveis. Ela oferece ao conhecimento um campo de estudos sem limites sobre a vida universal. Pelo encadeamento de nossas vidas sucessivas e as consequências que as unem, torna mais clara e rigorosa a concepção dos deveres e responsabilidades. Mostra que a justiça não é uma palavra vã e que a ordem e a harmonia reinam no Cosmo.

A que devo atribuir essa graça de ter sido auxiliado, inspirado e guiado pelos Espíritos dos grandes celtistas do Espaço? É que, disse-me Allan Kardec, vivi minhas três primeiras encarnações humanas no oeste da Gália, e guardei sempre as impressões dessa época remota. Eis porque, na presente existência, com dezoito anos, quando li *O Livro dos Espíritos* de Allan Kardec, tive a intuição irresistível de sua verdade. Parecia-me escutar vozes longínquas ou interiores falando-me de mil coisas esquecidas.

Todo um passado ressuscitava, com uma intensidade quase dolorosa. E tudo que vi, observei e aprendi desde então só fez confirmar essa primeira impressão.

Este livro pode, portanto, considerar-se em grande parte como uma inspiração desse Além para o qual devo retornar em breve. A todos que o lerem, possa ele trazer uma vibração de nosso pensamento e de nossa fé comum, uma irradiação do Alto que fortifique as consciências, console as aflições e eleve as almas na direção dessa fonte eterna de toda a verdade, sabedoria e amor, que é Deus.

Primeira parte

Os territórios celtas



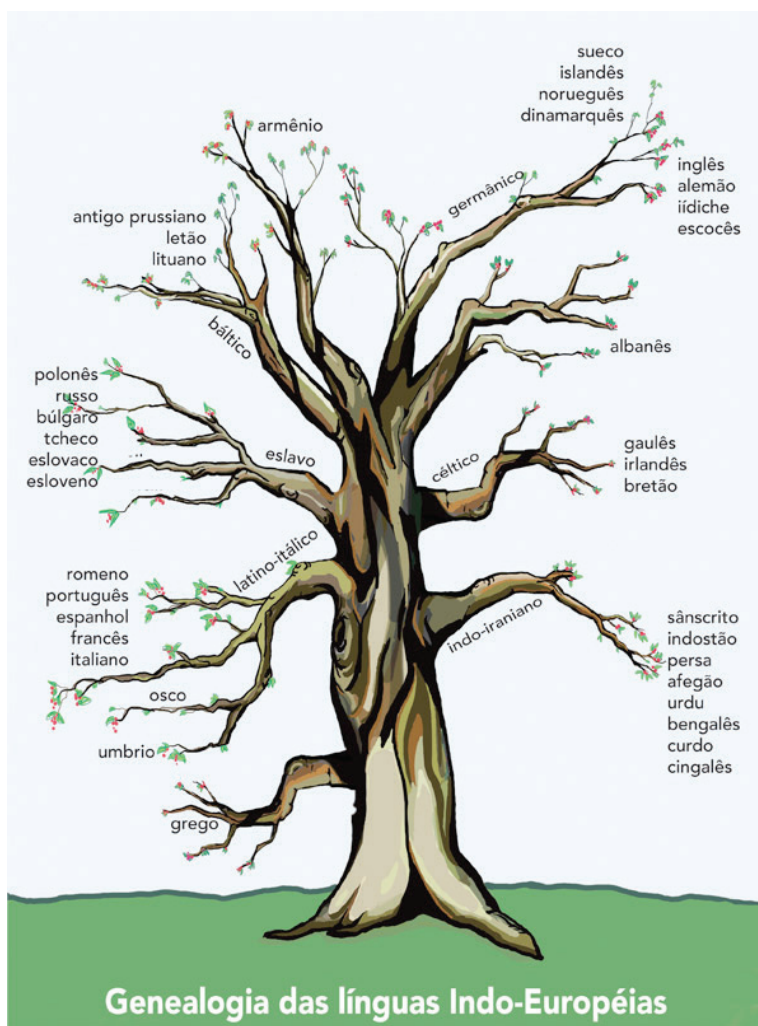
- Origem dos Celtas. • Guerras gaulesas • Decadência e queda • A longa noite; o despertar • O movimento pan-céltico.

Nos albores da História vamos encontrar os celtas estabelecidos em metade da Europa. De onde tinham vindo? Qual seu lugar de origem? Alguns historiadores situam o berço desse povo nas montanhas Taurus, no centro da Ásia Menor, próximo dos caldeus. Tendo se multiplicado, teriam atravessado o Ponto Euxino (Mar Negro) e penetrado até o coração da Europa. Atualmente, essa teoria parece ter sido abandonada juntamente com a hipótese dos árias.<sup>1</sup>

Camille Julian, do Colégio de França, em sua obra mais recente, *Histoire de la Gaule (História da Gália)*, limita-se a fixar em seis ou oito séculos antes da Era Cristã a chegada na Gália dos Kymris, o ramo mais recente dos celtas. Acredita que eles provinham da embocadura do Elba e das costas de Jutland, expulsos por um potente maremoto que os obrigou a emigrar na direção sul.

Chegando à Gália, encontraram um ramo mais antigo dos celtas, os gaélicos, ali estabelecidos havia muito tempo, e que eram de estatura mais baixa e geralmente morenos, enquanto os Kymris eram altos e louros. Essas diferenças ainda são perceptíveis na Armórica, onde a região costeira do Atlântico, em Morbihan, é povoada por homens baixos e morenos, misturados a elementos estrangeiros, atlantes ou bascos, que se misturaram

1 No entanto a hipótese ária, hoje, é um consenso indiscutível. Foi da análise das línguas européias que se chegou a estabelecer com segurança a existência dos árias, cuja língua original foi a raiz do sânscrito e depois de todas as línguas indoeuropeias (N.T.)



com as populações primitivas, enquanto os celtas do Norte da região ou da Mancha têm uma população de estatura mais alta, e a eles vieram juntar-se os celtas bretões expulsos das Ilhas Britânicas pelas invasões anglo-saxônicas.

As hipóteses de Jullian são confirmadas pelo parentesco das línguas célticas e germânicas, semelhantes na estrutura, nos sons guturais, no excesso de letras duras como o K, o W etc. Em

meio às correntes migratórias que se cruzam e entrecruzam na noite pré-histórica, a ciência encontra nos estudos linguísticos um processo seguro para reconstituir as raças humanas.<sup>2</sup>

Esboçaremos apenas em traços gerais a história dos gauleses.

Sabemos que nossos ancestrais, durante séculos, fizeram ressoar pelo mundo o som de suas armas. Ávidos de aventuras, de glória e de combates, não podiam contentar-se com uma existência apagada e tranquila, e iam para a morte como para uma festa, tão grande era sua certeza do Além.

Conhecemos suas numerosas incursões pela Itália, Espanha e Alemanha e até o Oriente. Invadiam os territórios vizinhos e, pela lei do retorno, foram depois invadidos e ficaram impotentes.

A alma da Gália se encontra nas instituições dos druidas e dos bardos. Os druidas não eram apenas sacerdotes, mas também filósofos, sábios e educadores da juventude. Os ovates<sup>3</sup> presidiam às cerimônias do culto, e os bardos se dedicavam à poesia e à música. Exporemos mais adiante o que era a atuação e o verdadeiro caráter do druidismo.

No início de nossa era, os romanos já haviam penetrado na Gália, subindo o vale do Rhône (Rio Ródano) e, depois de ocuparem Lyon, avançaram até o centro do território.

Os gauleses resistiram com vigor e por vezes infligiram duras derrotas aos inimigos; contudo, estavam divididos e muitas vezes só ofereciam resistências localizadas. Sua coragem, que ia até a temeridade, seu desdém pelos ardis da guerra e pela morte se tornavam desvantagens para eles. Combatiam desordenadamente, nus da cintura para cima, com armas mal temperadas, contra adversários recobertos de metal, astuciosos e pérfidos, altamente disciplinados e com um armamento considerável para a época.

Vercingetorix, o grande chefe arverne, sustentado pelo poder dos druidas, conseguiu durante algum tempo levantar a

2 Arbois de Jubainville, em suas aulas no Colégio de França, às vezes fazia uma demonstração no quadro-negro para exemplificar o parentesco das línguas indo-europeias. Tomava uma palavra e a traduzia em gaélico, alemão, russo, sânscrito, grego e latim, e nessas diversas traduções, a palavra tinha a mesma raiz.

3 Ovate, do latim vates, “aquele que prediz o futuro”, sacerdote gaulês que ficava entre os druidas e os bardos, na hierarquia druídica. (N.T.)

Gália inteira contra César, e desencadeou-se uma luta monumental. Criado pelos bardos, Vercingetorix possuía qualidades que se impunham à admiração dos homens e os levavam à obediência e ao respeito. Seu amor pela Gália aumentava junto com o sucesso crescente das armas romanas.

Que diferença entre Vercingetorix e César! O herói gaulês, com uma fé robusta no poder invisível que rege os mundos, sustentado por sua crença nas vidas futuras, tinha o dever como regra de conduta, e como ideal a grandeza e a liberdade de sua terra. César, profundamente cético, só acreditava na sorte. Tudo nele era astúcia e cálculo; uma sede imensa de dominar o devorava. Depois de uma vida de devassidão, crivado de dívidas, viera para a Gália buscar na guerra os meios de recuperar sua situação financeira. Cobiçava de preferência as cidades mais ricas, e depois de entregá-las à pilhagem, via-se grandes comboios se encaminharem para a Itália levando o ouro gaulês para os credores de César.

Não é preciso lembrar que, em termos de patriotismo, César, perjuro, aniquilou as liberdades romanas e oprimiu seu país. Por certo não iremos negar o gênio político e militar de César, mas deve-se a bem da verdade lembrar que esse gênio era empanado por vícios deprimentes.

E é nos textos desse inimigo da Gália que se vai com frequência buscar a verdade histórica! É nos seus *Comentários*, inspirados pelo ódio, com a intenção evidente de se exaltar aos olhos de seus concidadãos, que se estuda a história da guerra das Gálias. Porém dois autores romanos, Pólio e Suetônio, reconhecem que essa obra está cheia de equívocos, de erros propositais.

Em resumo, os gauleses, ardentes, entusiastas, impressionáveis, se beneficiaram com a influência celta, essa grande corrente, veículo de elevadas inspirações que, desde épocas primévas, dominava todo o noroeste da Europa. Absorveram as irradiações magnéticas do solo, esses elementos que, em todas as regiões do globo, caracterizam e diferenciam os povos.<sup>4</sup>

Porém o seu ímpeto juvenil, sua paixão pelas armas e os combates os levaram longe demais, e as perturbações à ordem e

4 Ver, ao final (cap. XIII) as mensagens de Allan Kardec n.ºs 5 e 6, sobre as correntes celtas.